Opinião

Sucroenergia: desafios e perspectivas



Mônika Bergamaschi*

SÃO PAULO concentra 65% da produção nacional de cana-de-açúcar. Aqui estão sediadas 183 das 451 usinas existentes no País. Segundo a Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (Orplana), o Estado possui 17 mil fornecedores, que responderam por aproximadamente 25% da produção de cana na safra 2010/11. Além de estratégico, especialmente no que se refere à produção de biocombustíveis e bioeletricidade, o setor lidera o *ranking* paulista de valor da produção agropecuária estimado para o ano agrícola 2011/12, com 44,4%, o equivalente a R$ 27,260 bilhões. Em 2011, a área de corte cresceu cerca de 2,6% em relação a 2010.

Vale ressaltar que São Paulo é o primeiro Estado da Federação a iniciar o uso da palha da cana como biomassa para a cogeração de energia elétrica. O material, geralmente, é deixado no campo como cobertura morta. No entanto, ao mesmo tempo em que a cogeração se configura como importante incremento de renda para o setor, ainda restam desafios a serem superados quanto ao aproveitamento da palha e ao aprimoramento dos mecanismos que definem os preços dos leilões de energias alternativas.

A importância da canavicultura paulista leva a uma grande questão: o que esperar de 2012? Tudo indica que a produção não deverá crescer, seja pelo modesto plantio de novas áreas, pelos baixos investimentos nos tratos culturais e nas reformas dos canaviais em 2011, seja pelas condições climáticas desfavoráveis do primeiro trimestre deste ano, que em muitas regiões retardaram o desenvolvimento da planta.

Vivemos uma crise de oferta, e há espaço para o aumento do consumo de etanol. Estudo do IEA (2011) estima que em 2015 a frota brasileira de veículos leves (gasolina e *flex*) será de aproximadamente 36 milhões, com consumo potencial de cerca de 56 bilhões de litros. Considerando o ambiente atual de produção de etanol, sob essa perspectiva e com a adição de etanol anidro à gasolina mantida entre 18% e 25%, para atender a essa demanda seriam necessárias mais 113 usinas, com capacidade média individual para esmagar três milhões de toneladas de cana por safra.

Temos potencial e tecnologias à disposição. O governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, está em constante trabalho de aproximação com o setor para que seja possível alcançar os melhores resultados. A rede da Secretaria, que inclui institutos de pesquisa e coordenadorias de assistência técnica e defesa, pode dar suporte com tecnologias que ajudarão no avanço da recuperação das perdas das últimas safras.

Um bom exemplo é a prática da irrigação, que começa a chegar também nos canaviais paulistas, e certamente será uma das poderosas ferramentas que ajudarão a alavancar o crescimento "vertical" da produção. Nesse sentido, os primeiros estudos têm demonstrado potencial de elevação dos níveis de produtividade entre 35% a 60%, principalmente, quando combinados com práticas integradas, como a fertiirrigação, que ainda traz no bojo o potencial para aumentar a longevidade dos canaviais para até nove a dez cortes, otimizando ativos e maximizando lucros.

O Estado é adepto da agricultura de baixa emissão de carbono. Até 2014, como determina o Protocolo Agroambiental assinado em 2007 pelo governo do Estado, por meio das secretarias de Agricultura e Abastecimento e de Meio Ambiente, inicialmente com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e, em 2008, com a Orplana, 95% dos canaviais serão colhidos mecanicamente. Além disso, a maior parte da expansão canavieira paulista tem se dado sobre áreas de pastagens mal manejadas, ou degradadas.

É verdade que o setor sucroenergético vive um momento crítico. No entanto, o País é detentor de uma tecnologia revolucionária: na década de 1970, eram 65 toneladas colhidas por hectare, com uma média de três cortes. Em 2010, a média subiu para 85,1 toneladas por hectare, com cinco a seis cortes! Integração é a palavra-chave. Fortalecer o setor e contribuir para o desenvolvimento do Estado e do País requerem cooperação e visão estratégica. É o momento de virar o jogo. ■

*Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo